

Uma Experiência Artística em Residência Entrevista com Ivo Alexandre

An Artistic Experience in Residency
Interview with Ivo Alexandre

Una Experiencia Artística en Residencia
Entrevista con Ivo Alexandre

Fabício Rodrigues Garcia (UDESC-Brasil) ¹

Jociele Lampert (UDESC-Brasil) ²

1 Mestrando em Ensino das Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGAV/UDESC). Membro do Grupo de Estudos Estúdio de Pintura Apotheke. Possui Bacharelado em Artes Visuais pela UDESC (2016) e Licenciatura em Artes Visuais pela UDESC (2022). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5468721360692029> Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-4771-7627> E-mail: fabriogarcia.art@gmail.com.

2 Professora Titular na Universidade do Estado de Santa Catarina. Atualmente Professora Investigadora Visitante na FBAUL/CIEBA/ULISBOA. Doutora em Artes Visuais pela ECA/USP (2009). Atua no Mestrado e Doutorado em Artes Visuais PPGAV/UDESC. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7149902931231225> Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0963-0925>. E-mail: jocielelampert@uol.com.br.

RESUMO

Entrevista realizada com o artista e estudante português Ivo Alexandre (Fbaul), em uma de suas visitas ao ateliê de Fabrício Rodrigues Garcia na cidade de Garopaba, durante residência artística realizada no ano de 2024. A entrevista se desdobrou a partir do conceito de experiência de John Dewey, relacionadas as experiências vivenciadas pelo artista durante sua residência artística e seu processo de pintura nos três meses em que ficou no Brasil. Residiu dentro deste período na cidade de Florianópolis, visitando e ficando por dez dias na cidade de Garopaba, onde o artista produziu e fez uma imersão pictórica, produzindo obras que foram expostas posteriormente. Neste percurso, o artista expõe as singularidades por ele vivenciadas, que proporcionaram em uma residência de longa duração a produção de trabalhos que dialogam diretamente com o seu imaginário criativo.

PALAVRAS-CHAVE

John Dewey; Ivo Alexandre; Experiência; Residência Artística; Pintura.

ABSTRACT

Interview conducted with the Portuguese artist and student Ivo Alexandre (Fbaul), during one of his visits to Fabrício Rodrigues Garcia's studio in the city of Garopaba, during an artistic residency held in 2024. The interview unfolded from John Dewey's concept of experience, related to the experiences lived by the artist during his artistic residency and his painting process during the three months he spent in Brazil. During this period, he lived in the city of Florianópolis, visiting and staying for ten days in the city of Garopaba, where the artist produced and immersed himself in painting, producing works that were later exhibited. During this journey, the artist exposes the singularities he experienced, which allowed him to produce works that directly dialogue with his creative imagination during a long-term residency.

KEY-WORDS

John Dewey; Ivo Alexandre; Experience; Artistic Residency; Painting.

RESUMEN

Entrevista realizada al artista y estudiante portugués Ivo Alexandre (Fbaul), en una de sus visitas al taller de Fabrício Rodrigues Garcia en la ciudad de Garopaba, durante una residencia artística realizada en 2024. La entrevista se desarrolló a partir del concepto de experiencia de John Dewey, relacionado con las experiencias vividas por el artista durante su residencia artística y su proceso de pintura en los tres meses que pasó en Brasil. Durante este período, residió en la ciudad de Florianópolis, visitando y permaneciendo durante diez días en la ciudad de Garopaba, donde el artista produjo y se sumergió en obras pictóricas, que posteriormente fueron expuestas. En este recorrido, el artista expone las singularidades vividas, que lo llevaron a producir obras que dialogan directamente con su imaginario creativo durante una residencia de largo plazo.

PALABRAS-CLAVE

John Dewey; Ivo Alexandre; Experiencia; Residencia Artística; Pintura.

Apresentação

Entrevista realizada com o artista português Ivo Alexandre, na primeira semana de novembro de 2024, no ateliê Manohead, na cidade de Garopaba, Santa Catarina, por ocasião da desmontagem da exposição “Quem quer morrer primeiro?”, que aconteceu no Rancho 29, no centro histórico da cidade. Durante os três meses em que participou da residência artística na cidade de Florianópolis, o artista realizou diversas atividades de pesquisa, ensino e extensão em conjunto com o grupo de estudos Estúdio de Pintura Apotheke. Em uma rica e extensa troca de experiências entre alunos da graduação e pós-graduação, o artista Ivo Alexandre participou e promoveu diversas ações como imersões artísticas, análise de trabalhos, produção e exposições coletivas.

No decorrer da entrevista, aspectos e relações de experiência são abordados, e assim como aponta Dewey: onde “toda experiência é resultado da interação entre uma criatura viva e algum aspecto do mundo em que ela vive” (Dewey, 2010, p.122), iremos compreendendo a partir das falas do artista sobre a importância das relações intrínsecas entre ser e estar ligado ao ambiente em que...; isto é, estar conectado ao local. Ivo é um artista que busca a partir de sua sensibilidade poética discorrer sobre narrativas do mundo invisível, esculpindo em cores e construindo a cada pincelada seres e entidades que se materializam aos olhos do espectador. E assim o faz tal qual ensina Dewey: “o pintor tem que vivenciar conscientemente o efeito de cada pincelada que dá ou não saberá o que está fazendo nem para onde vai seu trabalho” (Dewey, 2010, p.124). O artista captura nuances do seu entorno, transformando-as em inspiração e criando seu próprio mundo. Assim, um amálgama entre obra e ambiente é criado, gerando uma realidade ficcional, cuja obra é construída a partir da vivência e experiência única do artista.

No ecoar da distância de um oceano imenso entre dois continentes, as similaridades e diferenças culturais geram novas possibilidades para o artista e pesquisador. Em uma das muitas conversas em que tive a oportunidade de ter em meu ateliê com Ivo Alexandre percebi, conforme pontua e esclarece Dewey que é “na descoberta minuciosa das relações entre os nossos atos e o que acontece em consequência dele, surge o elemento intelectual que não se manifesta nas experiências de tentativa e erro.” (Dewey, 1895, p.159). Ocorre nessa interação uma relação de cumplicidade e troca de experiências que afeta direto o aspecto interior de nosso ser. Uma conversa que não é programada possibilita gerar novas aprendizagens, pela qual confluências acontecem, experiências são traçadas e relações construídas.

Entrevista com o artista Ivo Alexandre

FG: Quem é o artista Ivo Alexandre?

IA: Fabrício, obrigado desde já pelo convite para esta entrevista, é um prazer. Eu me chamo Ivo Alexandre, sou artista plástico, mais concretamente pintor desde que me conheço. Desde sempre foi esse o meu objetivo, sempre me vi assim. Sempre desenhei, sempre pintei, sempre esculpi. Também a tridimensionalidade, acho que é bastante importante para o nosso trabalho bidimensional depois. Fiz imensas experiências de escultura e modelagem em diversos materiais quando era mais novo e fui sempre pintando com o objetivo de expor, fazer exposições. De uma forma ou de outra fui sempre conseguindo isso. Por quê? Porque fazia o trabalho! Em vez de ir com meus amigos: “Ah vamos sair à noite, vou te buscar” eu até dizia que sim, mas quando tocavam à campainha, e eu tinha começado um quadro, eu já não ia para lado nenhum. E isto foi a vida toda, são escolhas que fazemos.

Tu és artista e pela quantidade de trabalho que tens e a qualidade de trabalho que tens, também presumo que das tuas escolhas preferes ficar trabalhando no ateliê. Eu fiz sempre o mesmo. Basicamente é isto, comecei a trabalhar cedo, sempre arranjei trabalho, tive sempre uma preocupação de procurar trabalhos que eu realmente gostasse de fazer - porque o mais importante para mim é ser feliz. Então vou fazer as coisas que eu entendo, que me fazem feliz. Encontrei sempre a abertura para trabalhar nas coisas que, dentro das possibilidades artísticas da minha realidade em Portugal, eu conseguia nomeadamente; comecei fazendo cenários e adereços. Com a experiência que adquiri, aprendendo, sozinho, em casa, a construir bonecos e peças de adereços, consegui trabalhar em televisão, teatro, cinema e publicidade, de formas diversificadas, porque em televisão o tipo de adereços de uma novela, por exemplo, é diferente dos adereços de teatro. Nós, em teatro, construímos tudo. Se precisas de quinze cabeças de dinossauro, você vai esculpir os dinossauros, vais pesquisar, vais ver o que existe tendo em conta a especificidade daquele bailado em concreto; construímos tudo, pintamos telões enormes. Na televisão não. Na televisão gravamos esta cena onde nos encontramos, estamos os dois sentados, e temos um café na mão. O artista tem que ter esse café, arranjar todo o ambiente do “decor”, e se estamos no teu ateliê, o aderecista vai preparar um ateliê de um artista com trabalhos, vai estudar, há toda uma preparação. Tens que ter muitos guiões, com muita antecedência do plano de gravações da série ou da novela. Se nós estamos a gravar esta cena hoje, eu já teria lido estes guiões, tipo, vários meses antes para me certificar de que no momento da gravação eu tenho os adereços todos e cumprio a minha função. Se tivermos uma cena um “bocado” mais complexa, de alguém que sacou uma arma e vai dar um tiro em alguém, então eu tenho que preparar, com muita antecedência; e há toda uma cena, um pouco diferente da realidade de um pequeno almoço (café da manhã), sentados à mesa.

Então eu habituei-me muito novo a arranjar soluções, porque problemas estão sempre a surgir. E onde eu vejo um problema, vejo logo muitas soluções para cada

problema. Isso me deu uma bagagem, uma elasticidade mental para me orientar, para fazer com que as coisas funcionem em cima do joelho. Porque naquele universo é tudo um bocado em cima do joelho, a realidade muda muito rapidamente. Se estivesse chovendo em cena, nós íamos gravar em exteriores, tínhamos que nos adaptar. O plano de gravações pode mudar. Trocamos as cenas da manhã para a tarde, fazemos coisas diferentes - e isso nos adereços como também no guarda-roupa, eventualmente. E isto tem um impacto - vai impactar muito na dinâmica do trabalho daquele dia. De repente não tens um adereço que não era suposto teres no dia, mas de repente tens que ter, então... buscam-se soluções.

Isto ajudou-me muito no meu trabalho de pintura, e a conhecer muita gente também, porque, como bem sabemos, nós não somos nada sozinhos, não existimos sozinhos. Por mais que sejamos bons, que nos consideremos bons, conhecer muita gente também me abriu mais portas. Quanto mais pessoas conheceres mais portas se vão abrir. E, portanto, isto capacitou-me para fazer imensos trabalhos, e o currículo foi sempre aumentando, e quando um "tipo" fez isto, fez aquilo, então é chamado para trabalhar nisto e naquilo. Portanto, isto depois é uma bola de neve que vai aumentando, sabes? Gera coisas que obviamente também gera economia claramente, não é?!

FG: E o que te inspira a pintar e a produzir?

IA: A beleza! A beleza da pintura, que é uma coisa que nem toda a gente conhece e que eu tive o privilégio de conhecer muito novo. De conseguir olhar para os quadros e ver beleza nas cores e nas pinceladas, e perceber como é que aquele artista fez aquilo, porque, para mim, mais do que imagem, pessoas normalmente vão enquadrar "Ah, é uma cena da praia", e só estão com a cena da praia. Eu não, eu não vejo somente a cena da praia, mas vejo a forma como ela foi feita. É isso que me interessa mais, e foi isso que sempre mexeu muito comigo, desde miúdo, foi ver a beleza de cada pincelada, de cada cor que constrói depois o todo, que por acaso, resulta naquela imagem. Pode ser da praia ou num retrato, cada tom, cada brilho, cada cena que transforma o nosso plano bidimensional em algo já numa tridimensionalidade, numa ilusão. A pintura tem esta coisa da ilusão, da tridimensionalidade, no caso da figuração, não é?! E isso foi uma das coisas que impactou, por exemplo, olhar aquele retrato do teu pai, outros retratos como a tua mãe, e eu vejo a beleza das cores, entendes? Eu não vejo só o retrato da pessoa. O retrato tá muito bem pintado, mas é o retrato da pessoa. Eu vejo toda a construção e foi sempre isso que me apaixonou, desde nunca.

FG: Para você, o que é experiência?

IA: Bem, sobre experiência tem muito que se dizer. Há muitos tipos de experiência, mas sobre experiência há muito que se lhe diga porque temos a experiência que nós temos enquanto seres humanos, estão todas ligadas enquanto homem, enquanto tu eras criança, jovem e agora, adulto, te tornaste um homem, todo o nível de experiências que tens e que vais assimilando, e que trazes isso para o teu trabalho invariavelmente, inevitavelmente, a experiência é um enriquecimento. Faz de ti um homem melhor quando sabemos aproveitar as oportunidades, e pensamos “bem, eu quero ser melhor que isto”. Seja na pintura, seja nas atitudes para com o outro, na forma como recebemos o que o outro nos traz. Porque, para mim, penso sempre, “nós não somos aquilo que temos, mas somos aquilo que damos, que somos capazes de dar ao outro sem querer nada em troca”, percebes? Para mim, a vida é toda uma partilha, mas aquilo que nós damos, a marca que deixamos ao outro, tipo: às vezes as pessoas lembram de alguém, como, por exemplo um dia alguém me disse algo ou me trouxe algo para a minha vida, que fez todo o sentido e mudou coisas em mim. Eu pensei, “bem isto é espetacular”, e já ganhei o dia quando partilho. Porque vejo bondade, vejo honestidade, vejo outras coisas. Portanto, experiência é uma amálgama de muitas coisas que me constituem e claro, por isso e dessa forma eu trago isso para o meu trabalho.

FG: Você poderia falar um pouco sobre essa sua experiência no sul do Brasil?

IA: A experiência no sul de Brasil tem sido absolutamente fantástica para mim. Não direi uma surpresa, porque eu sabia que ia encontrar algo muito bom, que acrescentaria muito à minha vida, mas não tinha grandes expectativas, e eu prefiro não ter. Porque, com a experiência, tu aprendes, e quando tens expectativas muito altas às vezes elas saem “furadas”, e isso cria frustração. Agora não tenho, tipo, estou aberto à experiência e ao outro. Conhecer outras formas de ver, outras formas de pensar, porque isso acrescenta-nos, não é? Portanto, estar aqui convosco tem me trazido muitas coisas e acho que mais do que eu agora estou a vivenciar, estou a assimilar tudo isto, como posso da melhor forma possível. Mas tenho a certeza de que mais à frente, se calhar já lá, sabes quando paras e comesças a ver tudo, e mesmo inconscientemente que isso me vai dar na pintura, na minha personalidade. Enquanto ser humano, enquanto homem, tem sido uma experiência incrível, tenho conhecido pessoas muito boas que me fascinam. Eu me apaixono por pessoas, e pelo estar, pela boa energia de cada um, percebes? Eu costumo dizer uma coisa que é verdade, independentemente da cirurgia que fiz ao coração, eu chego e ponho o meu coração em cima da mesa, para toda a gente ver e tocar. Depois o que cada um faz com isso já é outra coisa. Eu sinto, percebes? Eu dou-me, eu gosto disso. Acho que é melhor ser assim, para mim funciona melhor. E, portanto, respondendo à tua pergunta, tem

sido incrível. Tenho conhecido um grupo de pessoas muito interessantes, muito boas, com quem tenho aprendido e com quem estou a gostar de partilhar toda esta experiência. Vocês todos têm me ajudado muito, cada um, à sua maneira, tem me acompanhado. Eu não me sinto aqui sozinho de forma nenhuma. E na pintura isso vai ser um enriquecimento também brutal, que eu acho que vou sentir mais. Eu tenho estado aqui a pintar coisas diferentes, que estou a ligá-las, porque elas têm todas uma ligação, apesar de assim parecerem a partir de um bocado uma loucura, um pouco caótico, mas não é. E também, se for, não tem problema nenhum. Mas vou levar isto tudo comigo. O país é lindo, o sítio, a geografia toda é absolutamente linda.



Fig. 01. Coleta de materiais e pesquisa de campo

FG: Você comentou que não alimenta uma expectativa para não torná-la em frustração. Mas, como afirmaste, toda essa experiência, de alguma forma, deve gerar um impacto no seu trabalho. Tu poderias apontar se existe algum tipo de mudança no teu trabalho, alguma alteração visual sobre a tua paleta de cor, sobre aquilo que estás trazendo contigo a partir dessas novas experiências? E como você vê a influência dessas experiências em seu trabalho quando retornar a Portugal?

IA: Essa pergunta tem muito de, não bem de uma afirmação, mas de um fato, de uma constatação. E eu constato que aqui, no caso da paleta de cores, sim, vai abrir. As cores são diferentes, a luz é diferente e eu sinto quase instintivamente quando

escolho as cores, a partir da percepção delas já estou a abri-las. Eu olho para os tons e se calhar - antes era assim - agora estou a abrir mais a cor, porque tem a ver com o ar, com a atmosfera que se respira aqui e, portanto, isso foi logo uma mudança. Eu não usava cores assim, muito fortes, e de repente mesmo fazendo coisas estranhas, pintando alguns elementos estranhos, estou a utilizar cores mais fortes, que eu acho que têm muito a ver com o Brasil, como o amarelo eu não consigo estar aqui sem pensar em amarelo. O amarelo está sempre a aparecer em tudo, é uma coisa impressionante. Eu recebo e gosto. Tenho a certeza de que vou levar esse impacto do cromatismo mais aberto para Lisboa. Certeza absoluta. Nós lá também temos uma luz incrível, se não estiver chovendo, mas temos. Como eu sou muito notívago, também tenho uma tendência para fechar mais a paleta. Também tem a ver com a temática. Mas aqui estou a descobrir que posso misturar tudo, tipo encontrar um equilíbrio. Podemos construir de forma diferente, portanto, assim vou levar daqui muitas coisas diferentes e que eu sei que vão impactar, até de formas que eu agora nem posso perceber, mas se calhar, daqui um ano, dois ou dez, vou olhar e vou ver bem o antes disto e o pós isto, sabes? Há coisas na vida que nos marcam. Esta viagem de três meses no Brasil, aqui em Florianópolis, obviamente que é um marco na minha vida - eu não conhecia o Brasil. Então, quando conheço um sítio, sinto que uma coisa é bem diferente quando estás uma ou duas semanas num sítio, onde estás de férias, até tu te desligas do teu trabalho – mas aqui não é o caso. Estou aqui numa imersão de pintura, para pensar pintura, para conhecer. Também estou na minha recuperação, tenho um ritmo próprio, mas, à partida, sei e sinto que isto vai impactar ainda mais do que agora.

FG: Você fala das cenas e ambientações do Brasil. Tem algo ou lugar específico que mexeu com seu olhar? Há algo daqui que inspirou você para novos trabalhos?

IA: Sim. Muito objetivamente o lugar onde estou a viver. É junto à praia, uma casa na praia. Ali tem um pedaço de mato, de mangue, de uma vegetação linda, absolutamente linda. Quando atravessas aquilo, já estás na praia. Esse sítio é o Pico da Cruz. Tens que ir lá, gostaria muito que fosses lá conhecer. É lindo, mas um sítio onde estivemos todos juntos que adorei, é Garopaba, onde estamos agora. Um lugar que estou a nove, dez dias; uma experiência incrível. É parecido com algumas vilas de pescadores portuguesas. Tem uma beleza que estou acostumado e que adoro. Eu cresci nesses ambientes de praia, com uma estrada e restaurantes junto ao mar, com as casinhas dos pescadores. Isto é tudo muito familiar. Um sítio que também me marcou bastante foi a Armação, a Praia da Armação e a Praia do Matadeiro. Na Praia da Armação até tive um grande impacto emocional, quando lá cheguei. Aquela zona onde nós pintamos, já assim dentro da água, tu não estavas nesse dia. Eu estive lá antes e depois voltei. Já estive uma, três ou quatro vezes e devo voltar novamente. Também teve um grande impacto em mim.



Fig. 02. O artista pintando ao ar livre

FG: Em relação à cultura, você teve a oportunidade de conhecer outras culturas diferentes da tua vivência em Portugal. Como isso impacta em seu processo de trabalho?

IA: A cultura também tem um impacto grande. Também revejo aqui muitas características portuguesas. A maior parte das pessoas, como eu já mencionei antes, no outro dia, também tem origem portuguesa. Tirando os nativos, os indígenas nativos, quase toda a gente tem essa ascendência de Portugal. E o dia que conheceres Portugal, eu acho que vais sentir isso. Somos tão irmãos, literalmente, na verdadeira acepção da palavra, e, portanto, culturalmente eu vejo muitas coisas que são semelhantes, que vieram de lá, com as devidas diferenças. Vocês são mais abertos, são mais expansivos. Não só no sotaque, na forma como verbalizam as palavras, mas como exteriorizam emocionalmente as ideias. Nós somos mais fechados, não somos tão expansivos. E isso agrada-me. Eu não sou assim, às vezes sou, quando já conheço as pessoas há muito tempo. Mas vocês são bastante de forma muito espontânea, natural. Isso agrada-me bastante. E também já conhecia alguns aspectos, que eu tinha muita curiosidade, por exemplo, em conhecer aspectos culturais que apesar de nós lá também termos, nomeadamente o candomblé, e perceber algumas questões aqui no Brasil, poder fazer isso aqui, tem um impacto muito bem diferente do que ir a uma sessão lá em Portugal, onde também há terreiros e acontece lá muita coisa. Mas eu queria memo ter a oportunidade de ver isto aqui no Brasil, e vocês proporcionaram

essa oportunidade, e foi maravilhoso. Também levo daqui esses aspectos que são mais específicos.

FG: Vamos falar um pouco da materialidade do trabalho. O artista é um reflexo de várias camadas. Da paisagem que o cerca, da cultura em que está alocado, mas também dos materiais que ele dispõe para construir a sua poética. Você havia comentado sobre o uso do amarelo. Como está sendo sua experiência no uso desses materiais fabricados no Brasil?

IA: Estou “a adorar”, por diversas razões. Estou habituada a usar óleos, por exemplo, os óleos da Talens, sobretudo da Van Gogh, que são os que mais uso. Mas estou “a adorar” estas tintas da Joules & Joules, porque são bem feitas. Eu trabalho o óleo há muito tempo, uma cor ou outra pode demorar mais a secar, como os vermelhos. Mas também temos essa questão com os óleos Van Gogh. Por exemplo, sinto exatamente o mesmo na forma como a linhaça interage com os pigmentos. Eu não sabia bem o que esperar de outras tintas, de outros pigmentos, da forma como são feitas e têm uma qualidade tão boa como as tintas que eu estou habituado. Por exemplo, os amarelos, no caso o cadmio, até me surpreendeu. Porque tem uma secagem ótima, é menos translúcido do que aqueles a que eu estou habituado, sinto que tem mais pigmento do que aqueles a que eu estou habituado e, portanto, posso dizer assim, de forma categórica, que não ficam nada atrás daquilo que nós temos lá. São tão bons quanto, em alguns aspectos podem até ser melhores. Portanto, eu gosto muito, adoro.



Fig. 03. O artista durante o processo de criação em residência artística na cidade de Garopaba

FG: No Brasil é comum ver estudantes saindo do ensino médio e ingressando na universidade. Você, sendo um artista já com uma trajetória consolidada, qual o impacto de se entrar mais tardiamente na universidade, e como isso reflete em sua trajetória artística e em suas experiências?

IA: Faz uma diferença enorme, na verdade. Há aqui um aspecto que eu acho que é incrível, que é estudarmos na idade adulta. Não tem nada a ver com o fato de fazermos o mesmo estudo quando somos muito jovens. Nós, quando somos muito jovens, temos os hormônios todas a ferver, queremos estar com os nossos amigos, dedicamos muito menos tempo e nossa força vital para o empenho ao estudo, e mais energia a tudo o resto, toda aquela vivência universitária, o que é normal. Quando adultos, estudar na idade adulta é muito mais rico, é muito mais interessante. Tu estás ali porque queres, não estás ali só porque é uma sequência lógica do percurso, “tens que estudar quando tens 18 anos e acabar o curso, ou quer dizer, acabar rápido, seja com uma nota, tipo, aliado a tangente. Na idade adulta não. Na idade adulta tens toda outra preocupação com o fazer, com o querer fazer bem, com a atenção que dás aos detalhes todos, às pessoas que te envolvem e à forma como essa comunicação é feita, e tudo o que nós aprendemos é muito melhor. Portanto, tem um impacto enorme estudar agora nesta fase, e estudar durante a vida toda é uma das melhores coisas que podemos fazer. Na verdade, o que andamos aqui a fazer mesmo, não é aprender, estudar? E uma coisa que eu aqui vejo, em você também, é que de todos, de diversas idades, já adultos, estamos aqui em um grupo de pessoas e todos estamos a estudar, porque queremos muito estudar, e isso é espetacular.

A minha experiência, a bagagem toda que trago do meu mundo profissional, ali na faculdade de Belas Artes, é uma mais valia enorme, pelo menos para mim, porque não estou a ver nada daquilo pela primeira vez. Portanto, há ali toda uma partilha de experiências entre alunos e professores, eu, como tenho a idade dos professores, me relaciono mais com os professores do que com os alunos e partilhamos imensas experiências. Eles têm bem noção do meu percurso, e do meu trajeto. Eu aprendo com eles e eles aprendem comigo, porque há ali vários aspectos da atividade artística, mais da plasticidade artística, que, se calhar, alguns não estão tão familiarizados, e eu trago para dentro da faculdade. Por exemplo, muitos aspectos da cenografia, dos efeitos especiais, tenho por exemplo, um minor em cinema, eu poderia dar ali aulas de efeitos especiais e de cenografia, bem tranquilamente. E isso na verdade nem está fora, mas não é algo que eu almejo. Não é algo que eu pense, tipo, “eu quero fazer isto”, pois eu quero continuar no ateliê, mas de vez em quando podemos partilhar uma experiência, e eu estou disponível para isso.



Fig. 04. As tintas utilizadas pelo artista durante sua residência artística no Brasil

Fim da entrevista

Experiências singulares

Da percepção do olhar do artista que se amplia com experiências no ambiente onde se encontra inserido, percebemos a existência de uma experiência singular. Tal conexão para o artista é significativamente relevante em seu processo criativo e intelectual. No entanto, se, por um lado, “a adoção de um método empírico não garante que todas as coisas relevantes para alguma conclusão particular serão encontradas, ou que, quando encontrados, tais fatores sejam corretamente mostrados e comunicados” conforme lição de Dewey (1985, p. 22). Logo, constata-se que estar aberto para que experiências ocorram é relevante, assim como uma aparente simples conversa pode gerar como consequência uma experiência. Por outro lado, o fato de o artista estar diante de um processo de residência, como as dinâmicas e trocas, possibilita um acréscimo em seu desenvolvimento processual. Logo, essas vivências são transformadoras, gerando novas experiências que são compartilhadas com terceiros, seja em uma troca de ateliê ou em uma disciplina na universidade.

Referência

DEWEY, John. Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1985.

DEWEY, John. Democracia e educação. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

Submissão: 11/03/2025

Aprovação: 07/04/2025